



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Fernandez Vaz, Alexandre

A construção dos corpos no esporte

Revista Estudos Feministas, vol. 19, núm. 3, septiembre-diciembre, 2011, pp. 849-851

Universidade Federal de Santa Catarina

Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38121390010>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Seção Temática

Alexandre Fernandez Vaz
Universidade Federal de Santa Catarina

A construção dos corpos no esporte

O esporte é uma prática social das mais importantes da vida contemporânea, tema de estudo de várias áreas de conhecimento e, não raro, de abordagens interdisciplinares. Remonta a um dos momentos mais significativos da experiência moderna, a primeira metade do século XIX. Sua institucionalização, regras e formas de realização correspondem, em grande medida, à urbanização, à racionalização, a uma vida de desfrute nas grandes cidades, tornando-se, paulatinamente, de prática e espetáculo restrito às elites, a elemento cultural cada vez mais popular. O século seguinte teve no esporte uma de suas marcas centrais, e no tempo presente sua importância social está absolutamente fora de suspeição.

Seja em sua dimensão de espetáculo, como prática ou consumo, nas atividades escolares e de lazer, seja como profissão de homens e mulheres em todo o mundo, o esporte aparece como um tema contemporâneo e como uma das formas privilegiadas de organização dos usos do corpo, de aplicação de técnicas sobre ele, de tomá-lo como experiência e instrumento para viver o presente, as memórias, os desejos.

Por constituir-se em prática altamente organizada e especializada – tanto no que diz respeito às suas regras e normatizações quanto ao intenso processo de treinamento (o que permite o alcance de elevadas performances técnicas e estéticas, mas também provoca, com frequência e nesse mesmo registro, as dores e mesmo o dilaceramento corporal) –, o esporte, tradicionalmente, tende a ser um espaço de pouca transgressão, relacionando-se, de forma geral, com o mundo masculino e patriarcal ao exaltar elementos como virilidade, sexism, desempenho, excesso. Entretanto, não se pode esquecer que as práticas esportivas,

Copyright © 2011 by Revista
Estudos Feministas.

por serem fundamentalmente experiências corporais – e, portanto, atravessadas pela linguagem e pela cultura –, são expressão de identidades cada vez menos fixas, acompanhando e simultaneamente determinando as negociações em torno dos discursos de gênero, de nacionalidades, étnicos, geracionais, entre tantos outros. Assim, o esporte não está isento das práticas e dos discursos generificantes, como nos embates sobre a participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas, na afirmação de diferentes masculinidades nas competições ou mesmo na prática regular das atividades, no trânsito e na presença de sexualidades tidas como desviantes. Tudo isso ganha forma e espaço no esporte, assim como acontece em outras práticas nas quais o corpo e suas expressões, como performance, ganham protagonismo. Construir o corpo nesses espaços é dar sentido e moldura a demandas pulsionais de nosso tempo, a desejos que ganham forma nessas práticas de corpos delgados ou volumosos, delicados e/ou velozes, habilidosos, criativos, disciplinados, generificados.

De certa forma, não é exagero afirmar que o modelo esportivo (com sua tecnologia, desempenho, potência, exigência por autocontrole, enfim, seus modelos de super-homens e supermulheres) acaba por oferecer forma e conteúdo às diferentes esferas da vida, assim como outras práticas corporais (que na origem não são esportivas), num processo de esportivização social. Nesse sentido, é preciso pensar o esporte como importante vetor de identidades a partir das relações que estabelece entre conformações corporais e subjetivas. Seu alcance não se esgota naqueles que o praticam, mas atinge aqueles que o apreciam e o consomem.

Os artigos que compõem esta seção temática são resultado do esforço de alguns pesquisadores da área das ciências humanas que se dedicam a estudar esporte e melhor entender como se coloca a problemática de gênero em práticas esportivas. São sete artigos que, sob diferentes perspectivas teóricas e disciplinares, se dedicam à questão.

O primeiro deles, de Ingrid Kummels, pesquisadora do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Livre de Berlim, ocupa-se do tema da transnacionalização do futebol. Ao enfocar o futebol no trânsito latino-americano em terras estadunidenses, a autora faz cruzar a afirmação estilística com os dispositivos de gênero.

O segundo e o terceiro artigos têm foco nas lutas, em dois registros. No primeiro deles, Édison Luis Gastaldo e Adriana Andrade Braga, do Rio de Janeiro, analisam técnicas corporais que sustentam identidades masculinas. O artigo de Fabiana Cristina Turelli e Alexandre Fernandez

Vaz, de Santa Catarina, dedica-se aos impasses suscitados pela pesquisa de um campo ao qual antes já pertencia, tomando como tema um dojo de caratê e algumas das relações de gênero ali desenvolvidas.

O trabalho a seguir é obra de Cláudia Maria de Farias, outra vez do Rio de Janeiro, um estudo sobre gênero, esporte, etnia e classe, na construção da trajetória e da memória de duas destacadas atletas brasileiras de décadas passadas, Eliane Pereira de Souza e Aída dos Santos.

Miriam Adelman, do Paraná, contribui para este número com um artigo sobre mulheres no mundo equestre, resultado de duas pesquisas por ela realizadas, a primeira com praticantes de hipismo clássico e a segunda com jovens de origem popular que batalham por espaço no turfe. Novas formas subjetivas são, nesses embates corporais, encontradas.

O penúltimo artigo desta seção temática é de autoria de Angelita Alice Jaeger e Silvana Vilodre Goellner, do Rio Grande do Sul. Potência muscular a desafiar as representações normatizadas da feminilidade é seu tema; com isso, desdobram-se novas formas de investimento corporal que colocam sob risco as representações binárias de gênero.

O artigo que fecha a seção temática também vem de Santa Catarina, de autoria de Wagner Xavier de Camargo e Carmen Silvia Moraes Rial. Ressemantizando a noção de gueto forjada na Escola de Chicago, o artigo recoloca-a no contexto de competições mundiais voltadas para seguimento LGBT. Com isso, analisa performances em espaços que são simultaneamente territorializados e desterritorializados, pensando em novas formas de desejo vinculadas ao esporte.

Esta seção temática se alia, assim, ao esforço de pesquisa realizado por pesquisadores/as que têm se dedicado aos estudos sobre o esporte no campo do gênero.

Boa leitura!